

Pw6 2020



REPÚBLICA / Luiz roque

São Paulo, República, primeiro ano dos anos 20 do século XXI

Luiz Roque vive no bairro da República, no edifício Copan, desde que chegou a São Paulo, vindo do Rio Grande do Sul, em 2008. Arrisco-me a dizer que, a partir deste momento, todos os seus trabalhos passaram a ser de alguma maneira afetados pelo lugar onde vive. As suas, assim como as minhas, retinas estão impregnadas pelo ritmo peculiar do bairro.

O movimento espasmódico da praça pública é retroalimentado por quem a cruza, permanece ou desaparece em seu subterrâneo. A República é um espaço-tempo circular, uma bolha de resistência e também uma bomba-relógio. É de dentro desse ponto nevrálgico de São Paulo, que reúne todo tipo de gente, que mostramos um recorte da produção do artista: filmes inéditos no Brasil, tais como *Zero*, de 2019, além de obras mais do início de sua trajetória, como o *Filme Dourado*, de 2010, e um filme especialmente comissionado para a mostra, *República*, de 2020.

Ao longo da década de 30 do século XXI, os centros públicos de tratamento de transexuais foram desativados. Desde então, procedimentos relativos à mudança de sexo e identidade de gênero passaram a ser realizados em clínicas estéticas e 2030 ficou conhecido como o Ano Branco.¹

Em 2013, Luiz Roque criou o cenário ficcional citado acima, especulando sobre a ingerência mais ou menos subliminar do Estado – e do mercado – sobre os nossos corpos. Também em 2013, o teórico espanhol Paul Preciado – encenado por uma atriz nesse mesmo filme –, ainda era conhecido como Beatriz. A transexualidade ainda era considerada um transtorno de personalidade pela OMS² e a multidão nas ruas do Brasil começava a se dividir ao som de balas de borracha e panelas batendo.

Lembro-me de sair do trabalho, no Copan, sem entender bem o que escutava e com os olhos mareados pelo gás lacrimogênio que subia da Praça da República. Naquele momento, um sentimento misto de expectativa e apreensão tomava conta de todos os corpos, das ruas aos gabinetes em Brasília. Agora, depois do desfecho nefasto das chamadas “Jornadas de Junho”, as mesmas ruas me parecem mais ressabiadas e o ar mais espesso.

Em seus filmes, Roque faz colapsarem calculadamente o tempo e o espaço, criando um tipo peculiar de tração narrativa. *Ano Branco*, por exemplo, tem data e endereço específicos (Porto Alegre, 2031). No entanto, o filme parece conter a energia do momento em que foi gravado, ao mesmo tempo que se atualiza a cada exibição. Parece-me inevitável assisti-lo sem fazer este exercício incessante de *rewind/fast-forward*, entre o momento de sua captação, o presente e a data que a imagem anuncia.

A trama aberta, a indefinição biográfica dos personagens, a mistura de técnicas de captação (HD, super-8, 16mm), a velocidade do corte e o ritmo de videoclipe, características da maioria de sua produção audiovisual, embaralham o tempo cronológico e deliberadamente suspendem o vocabulário teleológico. A filmografia do artista não emana qualquer pretensão premonitória ou alarmista, mas não deixa dúvida de que seu olhar tem como ponto de partida um presente extremo, pulsante. Na obra de Roque, o corpo é tido como um território particular (como defende Preciado, no início do filme *Ano Branco*), moldável e que se move à revelia do Estado, do capitalismo cognitivo e da agenda moral vigente. É sempre pela via do desejo e dos sentidos que o artista costura temas prementes como a biopolítica, a falência do modernismo, a cultura da imagem e a problemática da automação/ inteligência artificial.

Em seu mais novo filme, que empresta o título a esta exposição, Roque complica essa equação partindo pela primeira vez de uma premissa documental: a vida de Marcinha do Corinto, diva transexual da noite paulistana desde os anos 1980. Corinto é objeto de um documentário/ entrevista ficcional ambientado na República. Seu rosto gira imenso em um círculo que levita em uma espécie de bunker entreaberto, construído no espaço expositivo. A narração em primeira pessoa é entrecortada por imagens granuladas do movimento do bairro e por retratos de personagens enigmáticos que habitam a praça ou talvez a memória da performer.

– Eu fui a primeira a ir para a Europa, ela diz de dentro do círculo.

Marcinha é imagem pura. Sua figura pública – projetada cuidadosamente por ela – aparece retocada pelo olhar agudo de Luiz Roque. Seu rosto ultramaquiado vira bandeira, e a complexidade de sua persona é celebrada no filme. Enquanto destila fragmentos de memórias da sua migração, o torso de Corinto gira como um relógio “antibiótico”, autoprogramável, em uma aparição quase mais transumana do que transgênera. A maneira direta como ela narra a sua opção por desativar o seu próprio desejo – através do uso controlado de um inibidor de hormônios masculinos – contrasta com a ansiedade da jovem que se submete à análise clínica de um médico-autômato em *Ano Branco*. Roque insere uma cena com essa mesma personagem em sua produção mais recente, mais uma vez jogando com o tempo/ espaço. Seriam as duas a mesma pessoa? Em *Zero* (2019), um cachorro solitário sobrevoa o deserto a bordo de uma aeronave em inércia. *Beats* eletrônicos embalam o *continuum* que é interrompido pela silhueta de uma espécie de oásis de arranha-céus futuristas. O contraste entre a poeira do deserto, os vidros brilhantes e limpíssimos dos edifícios desabitados e o animal à deriva – talvez a última vida restante – é um alerta perturbador sobre as consequências de grande parte das decisões políticas e econômicas do século XX. A ausência da presença humana em um dos filmes e a ausência de desejo sexual no outro parecem insinuar que estamos nos aproximando


¹ Texto extraído do filme *Ano Branco*, de autoria do próprio artista.

² A Organização Mundial da Saúde (OMS) deixou de considerar a transexualidade um transtorno mental na nova edição da *Classificação Internacional de Doenças (CID)*, publicada em 2018. A última revisão dessa norma havia sido feita 28 anos antes.

do que talvez seja um novo grau zero da espécie; seja ele uma revisão completa ou mesmo a sua extinção. Uma nova república imediatamente se arma ao projetarmos no mesmo espaço este conjunto de filmes de Luiz Roque, que é habitado por seus personagens-alegorias e por aqueles que acompanham o seu ritmo. O som aberto dos vídeos reverbera nas paredes de concreto armado do espaço do Pivô, e o timbre estridente da voz de Marcinha do Corinto se sobressai: “Eu não tenho mais o sonho de viver lá”, diz ela mais uma vez de dentro do círculo. A nova protagonista de Luiz Roque, trocou a Europa idealizada – por ela e por tantos outros – pela República autoproclamada, onde bailarinos não binários comemoram a chegada de um possível *Novo Monumento* (2013) – ou o fim do modernismo.

Em dez anos, chegaremos ao Ano Branco, o que quer que isso signifique em 2030.

Fernanda Brenner

apoio institucional / institutional support	Zeladoria e montagem / Space management and art handling Matias Oliveira
	Assistência geral / General Assistant Jessica Gonçalves
Pivô agradece / Pivô thanks to Dedé Bevilacqua (basico.com) e o apoio generoso de / and the generous support of Virginia e Daniel Weinberg	Apoio administrativo / Executive assistant Luana Lima
Equipe da exposição / Exhibition's team	Limpeza e manutenção / Administrative assistant Cristina Guerra
Assistente de produção / Production assistant Kamyla Belli	Assessoria de imprensa / Press office INDEX
Equipamentos / Equipment Fusion Audio	Assessoria Financeira / financial consultancy 2P Financeiro
Pintura de arte / Art painting Max Coutinho	Agradecimentos do Artista / Artist's special thanks CAC Passerelle, Mendes Wood DM, Isla Flotante e Virginia e Daniel Weinberg
Registro fotográfico / Photographer Everton Ballardin	Pivô agradece aos seus mantenedores / Pivô thanks its maintainers
Tradução e Revisão / Translation and proofreading Adriana Francisco	Alexandra Mollof, Almeida e Dale, Ana e Marco Abrahão, Andrea Pereira e Jose Olympio da Veiga Pereira, Bergamin & Gomide, Carbono Galeria, Casa Triângulo, Coleção Coletiva, Fabiana Brenner, Fabio Luchetti, Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Leme / AD, Galeria Luisa Strina, Galeria Nara Roesler, Galleria Franco Noero, Georgiana Rothier e Bernardo Faria, Graham Steele e Ulysses de Santi, Isabella Prata, José Leopoldo Figueiredo, Laurie Ziegler, Lucila e Jeff Hoberman, Marcelo Tilkian Maia, Mendes Wood DM, SIM Galeria, Vera e Luiz Parreiras, Virgínia e Daniel Weinberg, Vivien Hertogh e Jairo Okret + anônimos
Monitoria / Monitoring Alan Ariê	O Pivô faz parte do / member of
Orientação de público / Audience orientation EWA	TRIANGLE NETWORK
Vídeo em Libras / Sign Language Ktalise	REPÚBLICA / Luiz Roque 22 de outubro a 19 de dezembro de 2020 from October 22 nd to December 19 th 2020
Pivô / Pivô	<i>Originalmente programada entre março e maio de 2020, esta exposição teve sua abertura adiada devido à pandemia de Covid-19. / Originally scheduled between March and May 2020, this exhibition was readjusted and had its opening postponed due to the Covid-19 pandemic.</i>
Direção artística / Artistic direction Fernanda Brenner	entrada gratuita / free entrance consultar classificação indicativa / consult indicative classification
Direção de desenvolvimento / development director Paula Signorelli	
Coordenação de produção / Exhibitions coordinator & producer Carolina Câmara	
Curadoria / Curator Leo Felipe	
Atendimento ao público / Visitor services Luiza Branco	
Produção Pivô Pesquisa / Producer Pivô Research Raquel Sena	

patrocínio / sponsor

co-patrocínio / co-sponsor

incentivador / incentive



parceiro / partner

realização / realization



Secretaria de Cultura e Economia Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

